

PEDAGOGIA SIQUEIRANA (SÉCULOS XIX A XXI): UMA EDUCAÇÃO QUE DESAFIA E TRANSFORMA GERAÇÕES

Maria Cleidimária Pinheiro¹

Dra. Tania Nunes Davi (orientadora)²

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi analisar a proposta pedagógica siqueirana, no contexto histórico dos séculos XIX e XXI, para ampliar o conhecimento, divulgar os benefícios, as consequências e os questionamentos sobre a educação feminina que perpassaram os séculos. A pedagogia siqueirana é uma proposta de educação para mulheres, que nasceu no final do século XIX, tendo como protagonista o Padre João Francisco de Siqueira Andrade que, tendo conhecimento do contexto social do seu tempo e da deficiente proposta de educação para mulheres, buscou construir uma nova proposta de educação que resgatasse socialmente as mulheres das classes menos favorecidas. Como metodologia de pesquisa aplicamos a abordagem qualitativa a partir do levantamento, leitura e análise do material sobre o tema disponível na internet (site da Congregação), em livros sobre o Padre Siqueira e sua proposta e sobre a história da educação focando na educação feminina, em especial na Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo. A proposta inicial foi adaptando-se ao contexto histórico e social, sem perder o foco das ideias iniciais. Na contemporaneidade esse ideal é uma realidade, pois, além de manter viva a primeira escola, existem também colégios, centros de educação e creches, em diversas regiões do Brasil, e ainda duas casas em Angola.

Palavras-chave: Pedagogia siqueirana. Educação Feminina. Mudanças.

Abstract

The objective of this research was to analyze the siqueirana pedagogical proposal, in the historical context of the XIX and XXI, to increase knowledge, disseminate the benefits, consequences and questions of female education that permeated the centuries. The siqueirana pedagogy is a proposal for education for women born in the late nineteenth century, with the protagonist Father João Francisco de Siqueira Andrade who, being aware of the social context of his time and the disabled proposal for education for women, tried to build a new proposal for education that socially rescued women of the lower classes. As a research methodology applied the qualitative approach from the

¹ Graduada do curso de Pedagogia da FUCAMP/FACIHUS, Monte Carmelo/MG; Membro da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo. E-mail: ir.cleidemaria1@hotmail.com

² Doutora em História pela UFU, Uberlândia/M.G.; Professora da FUCAMP/FACIHUS, Monte Carmelo/M.G. E-mail: taniandavi@gmail.com

survey, reading and analysis of the material on the subject available on the Internet (the Congregation site), books about Padre Siqueira and his proposal and about the history of education focusing on female education, especially in Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo. The initial proposal was adapting to the historical and social context, without losing sight of the initial ideas. In contemporary times this ideal is a reality, because in addition to keeping alive the first school, there are also schools, education centers and nursery schools in several regions of Brazil, as well as two houses in Angola.

Keywords: Siqueirana education. Women's education. Changes.

1. Justificativa

A pedagogia Siqueirana é uma proposta que nasceu no século XIX, do ideal do Padre João Francisco de Siqueira Andrade (1837-1881) que, preocupado com educação do povo brasileiro e diante da realidade na qual o país se encontrava com o fim da Guerra do Paraguai e a Abolição dos escravos, idealizou uma escola de educação para as jovens órfãs, negras e sem família. Nos seus escritos relata:

O anjo da morte passava sobre todos os telhados, anunciando cada dia a orfandade em novas famílias desvalidas! O luto enegrecia as entradas dos templos e as lágrimas lavavam os pavimentos. As choupanas se fechavam e as desgraçadas viúvas, cobertas de andrajos, levando diante si suas tenras filhinhas, apresentava-se as portas dos taberneiros para solicitar-lhes uma fatia de pão! (HÓSTIA, 2013, p. 44)

A finalidade da proposta era resgatar meninas pobres da frágil vida que lhes era oferecida no Império, oportunizando moradia e educação num sentido integral até completar 21 anos. Visava ainda formá-las profissionalmente de acordo com as aptidões e o contexto histórico da época.

A primeira escola, intitulada com o nome Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, foi inaugurada no dia 22 de Janeiro 1871 com a presença do Imperador Dom Pedro II, em Petrópolis – RJ. Iniciou com 30 meninas, mas com projeto de acolher 300 meninas.

Na contemporaneidade esse ideal é uma realidade, pois, além de manter viva a primeira escola existem hoje colégios, educandários, creches, no Nordeste, Sudeste, na região Norte do Brasil e em Angola. A proposta inicial do Padre Siqueira foi adaptando-se, ao longo do tempo, ao contexto histórico e social, sem perder o foco das ideias iniciais.

Conhecendo a pedagogia Siqueirana, e convivendo neste ambiente, consideramos de fundamental importância, pesquisar e aprofundar sobre esta temática para divulgar as gerações futuras os benefícios, desafios e contribuições na educação que o Pe. Siqueira deixou como herança para o povo brasileiro. Um homem que foi considerado “louco e utopista” no seu tempo, por creditar no valor da educação tendo como público a mulher e a criança desvalida, porém, determinado e com objetivos bem definidos modificou a realidade da corte e de pessoas influentes da sociedade que tornaram-se benfeitores de sua obra.

2. Objetivo Geral

Analisar a proposta pedagógica siqueirana, no contexto histórico dos séculos XIX e XXI, com objetivo de ampliar o conhecimento, divulgar os benefícios, as consequências e os questionamentos sobre a educação feminina que perpassaram os séculos.

3. Metodologia

Como metodologia de pesquisa aplicamos a abordagem qualitativa a partir do levantamento, leitura e análise do material sobre o tema disponível na internet (site da Congregação), em livros sobre o Padre Siqueira e sua proposta e sobre a história da educação focando na educação feminina. Nosso foco de pesquisa se centrou na Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, localizada em Petrópolis/R.J. e fundada pelo Padre Siqueira; procuraremos perceber as mudanças e permanências da pedagogia siqueirana nesta casa ao longo dos séculos XIX ao XXI.

4. Panorama geral da educação no Brasil no século XIX

Traçar a trajetória histórica é apresentar uma semelhança entre elementos do passado e do presente. Por isso, compreender a realidade do Brasil nos séculos XIX e XX é fazer uma releitura da história brasileira, tendo como pano de fundo à educação da mulher. É fundamental entendermos a realidade política, social, econômica e religiosa que o país vivia neste contexto. Além disso, apresentaremos uma proposta de educação para mulheres e crianças idealizada e realizada por um brasileiro que acreditava na educação e, portanto, resgatava valores, oportunizava e fazia valer direitos como ler e escrever.

O século XIX no Brasil foi marcado pelos governos regenciais (Dom Pedro I e Dom Pedro II – 1831/1889), período no qual eclodiram revoltas populares em todo país. Os revoltosos lutavam pelo direito a propriedade, pelo reconhecimento social e pela participação política. As decisões políticas e econômicas eram tomadas pelas oligarquias que dominavam o cenário nacional nas cidades e nos campos. Para estas elites estava muito claro o papel do povo: assistir e aplaudir, sem interferir.

A realidade política era bastante conflituosa, pois Dom Pedro I tinha uma conduta autoritária e centralizadora, além disso, renunciou ao trono ficando seu filho Pedro de Alcântara (futuro Dom Pedro II) como o herdeiro, com apenas 5 anos. Não podendo assumir é indicado para tutor José Bonifácio de Andrade e Silva, mesmo este tendo uma relação tensa com as oligarquias, os militares e a igreja. A Constituição de 1824 decide pela menoridade do herdeiro e o país passou a ser governado por regentes. Esta forma de governo levou as lutas pelo poder, ao clima de tensão constante e após a escolha de cada regente (foram três) surgiram insatisfações nas províncias (futuros Estados) que tinham que ser aplacadas pelo exército. Surgiram os grupos de facções, varias associações e grupos políticos destacando-se: os liberais exaltados, restauradores e liberais moderados.

A economia do país era baseada na mão de obra dos escravos negros, os principais produtos eram: açúcar, algodão, arroz, couros e peles e tabaco, cultivados sem muita tecnologia. Com a concorrência norte-americana vamos perdendo espaço para exportar, já que os países em desenvolvimento cultivavam com técnicas mais eficientes o que barateava a produção. Mas logo se alastrou o cultivo do que seria o motor da economia do Brasil no século XIX - o café.

4.1 A educação feminina no Brasil Império

Ao longo dos anos (1500 a 1822), tempo que o Brasil era colônia de Portugal a educação feminina ficou restrita aos afazeres domésticos, no cuidado dos filhos e esposo. Neste contexto não havia divisão de classes, tanto as mulheres ricas quanto as pobres não tinham acesso à arte de ler e escrever.

A influência cultural que herdamos, via a mulher como um ser inferior, portanto era comum encontrar versos, poemas que enalteciam a subserviência da mulher, vejam os conselhos do poeta Gonçalo Trancoso: “as moças não falem, nem alcem os olhos do chão quando forem pela rua e se ensinem a não tomar brio de verem e serem vistas, que a mim me parece muito bem”. (TRANCOSO apud RIBEIRO, 2002, p. 79)

Diferentemente dos colonizadores, os índios brasileiros consideravam a mulher uma companheira e foram os primeiros a reivindicar em favor da instrução feminina. Os homens brancos tinham medo das mulheres serem alfabetizadas, já os indígenas consideravam a mulher como sua igual no trabalho e no prazer.

Os Padres Jesuítas tinham desejo de edificar acolhimentos para as mulheres, pois perceberam que a educação feminina era a possibilidade de humanizar, moralizar e, além disso, formar a base da família brasileira. Mas precisavam da autorização de Dona Catarina, Rainha de Portugal, que negou tal ousadia. No século XVI, não havia escolas para mulheres nem na metrópole, a educação era em casa, portanto a maioria das mulheres portuguesas eram analfabetas mesmo as da corte, e as mulheres que liam se restringiam apenas aos livros de orações.

Neste contexto, as mulheres, por não serem letradas eram desprotegidas, sendo enganadas pelos pais, irmãos, filhos e marido se possuíssem propriedades, sofriam roubos, falsificação de testamento. A situação podia torna-se mais grave quando se referia à instrução sexual, em caso de estupro a mulher era rejeitada pela família e sua única opção era torna-se prostituta. Outra saída para a mulher que possuísse fortuna e queria fugir de casamentos ou de pais indesejados era o ingresso nos conventos.

Nesta época a mulher, especialmente a branca, casava-se com 11 ou 12 anos, até então permaneciam sob autoridade do pai e não tinham permissão para sair na rua sob a

desculpa de salvaguardar a virgindade. Ao casar-se a mulher passava a viver sob a autoridade do marido em uniões que, na maioria das vezes, não tinham laços afetivos. Já a educação feminina continuou a mesma até 1808 (vinda da família real portuguesa para o Brasil) e modificou-se de forma lenta e descontínua principalmente para a mulher brasileira.

No Brasil do Segundo Império, e durante e após a Guerra do Paraguai, as viúvas de soldados enfrentaram uma burocracia enorme para reivindicar a pensão que tinham direito. As esposas de oficiais conseguiam seus direitos com maior facilidade do que as de soldados rasos. Só em 1893, Floriano Peixoto, então vice-presidente, determinou que as famílias de soldados mortos ou feridos recebessem o soldo do posto que ocupavam na guerra. (DOURADO, 2015, p.101)

A situação social não melhorou no pós guerra: cresceu a escravidão, os soldados negros que voltaram do conflito, embora livres, continuavam marginalizados e as dívidas de guerra comprometeram a economia imperial. Com o fim da Guerra do Paraguai em 1870, a sociedade brasileira estava convulsionada, deteriorava-se as relações entre exército e império, entre igreja e sociedade civil, entre os abolicionistas e os escravistas. No meio de toda esta agitação poucos se preocupam com o sofrimento das famílias sem meios para se sustentar, dos órfãos de guerra e dos filhos libertos de escravos pela Lei do Ventre Livre (1871). Um dos poucos que agiram frente ao caos social foi Padre Siqueira.

4.2 Padre João Francisco de Siqueira Andrade e a educação no século XIX³

Nasceu em Jacareí, Estado de São Paulo, no dia 16 de julho de 1837. Ingressou no Seminário Diocesano de São Paulo, aos 20 anos. Recebeu a Ordenação Sacerdotal no Rio Grande do Sul, a 08 de dezembro de 1864. No Seminário, já sentia a força do seu carisma:

Como estudante, a minha grande preocupação era educar a juventude de nossa Pátria. Decidi que, depois de ordenado Padre, fundaria uma

³ As informações sobre Padre Siqueira constantes deste item foram retiradas de: CONTEUDO HISTÓRICO. Disponível em:

<http://www.franciscanasdoamparo.org.br/conteudo_historicocongre.htm> Acesso em: 20 fev. 2015.

Casa para educar meninas pobres. Tenho estudado seriamente a situação do Brasil e chego à conclusão de que o bem-estar religioso e social depende quase exclusivamente da boa educação que oferecemos ao nosso povo. (SIQUEIRA apud CONTEÚDO HISTÓRICO, 2015)

Na Guerra do Paraguai serviu como Voluntário da Pátria (Capelão Militar) e contraiu tuberculose. Após a guerra foi morar em Petrópolis, por motivo de saúde. Então vê que se torna grave a situação dos pobres no Brasil: crescimento do número de órfãos por causa da guerra, viúvas sem ter como cuidar dos filhos e pobreza generalizada. Estes e outros fatores socioeconômicos o levam a pensar e colocar a prática suas ideias para minimizar a pobreza – um educandário que atendesse as meninas órfãs e desvalidas.

Apela para o Imperador D. Pedro II, para as autoridades, para os amigos e vai ele mesmo, de porta em porta, pedindo esmolas pelas grandes fazendas do interior dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Sempre doente, andando a cavalo, exposto ao sol, à chuva, às tempestades, a toda espécie de críticas, a maus tratos, mas vencendo incontestáveis dificuldades e contradições em prol de um projeto. Tido como louco, sonhador, sofrendo violências, nunca cedeu ao desânimo. Chegou mesmo a dizer: “Ou a morte ou o triunfo deste ideal que considero divino”. (SIQUEIRA apud CONTEÚDO HISTÓRICO, 2015) Em 1871, inaugura a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, em Petrópolis.

Quase 10 anos depois, gravemente enfermo, escreve em seu testamento: “Como humilde filho da Igreja Católica Apostólica, Romana, acreditei sempre em tudo quanto ela crê e ensina, tomei logo por minha divisa única a Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, e com ela espero morrer abraçado” (SIQUEIRA apud CONTEÚDO HISTÓRICO, 2015). Sua morte ocorreu em 10 de abril de 1881. Em seu Testamento, traçou as bases da Congregação, responsável pela instituição: “Que as Irmãs fossem franciscanas, dedicadas à educação de crianças órfãs e pobres”. (SIQUEIRA apud CONTEÚDO HISTÓRICO, 2015)

Sua sobrinha, Irmã Francisca Pia, nasceu em Jacareí - SP, em 12 de outubro de 1856. Ficando órfã de mãe com 17 anos, seu pai, o tenente Narciso de Siqueira Andrade, preocupado com sua formação, a conduz para o Colégio da Providência, no

Rio de Janeiro, onde concluiu o curso de professora. À convite do Padre Siqueira, no dia 29 de Setembro de 1877, seguiu para Petrópolis, contrariando a vontade do pai. Conviveu com Padre Siqueira apenas três anos. Em 1885, assumiu a direção da Escola e foi co-fundadora e primeira Religiosa da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo, faleceu em 07 de Janeiro de 1931.

Ambos, Padre Siqueira e Irmã Francisca Pia, foram responsáveis pela fundação e manutenção da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo em seus primeiros anos. A finalidade da instituição era educar e formar crianças pobres, garantindo-lhes uma profissão e um lugar decente na sociedade, como boas mães de famílias, religiosas, ou professoras. No programa inicial da criação da Escola, apresentado ao Imperador em 1868, Padre Siqueira escreveu: art. 2.º - “Seu fim é dar uma educação apropriada às meninas pobres para servirem em casas de famílias, como alugadas, ficando, entretanto, sob a proteção da Escola até que se achem em condições que a dispensem e que estão marcada neste programa.” (SIQUEIRA, 1868 apud HÓSTIA, 2013, p. 53)

Padre Siqueira, viveu na segunda metade do século XIX, tinha um conhecimento profundo da realidade brasileira, dos costumes, da sua religião e das ameaças que provinha da Europa principalmente com advento do liberalismo. Por outro lado, conhecia a pobreza que o país enfrentava, especialmente, a da adolescência desamparada.

Mesmo antes da Guerra do Paraguai já idealizava contribuir com seu país, especialmente, com o pobre e a sua educação. Nos seus escritos encontramos o desejo de iniciar a escola com meninos e meninas, porém com a lei do ventre livre, percebendo que no Império não havia interesse com a educação da mulher e nem recursos públicos para educar as meninas, ele focou seus esforços no auxílio a este gênero.

É então que apresentou, por escrito, ao Imperador Dom Pedro II, um programa para o Estabelecimento da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, no de 1868. Composto de sete capítulos, contendo todo o norte da educação para meninas (HÓSTIA, 2013, p. 53-57). No que se refere administração externa dois sacerdotes, um capelão e um vice-reitor, já na interna, irmãs de caridade seriam as responsáveis pelo ensino e do gerenciamento das meninas. Além disso, no ensino deveriam aprender doutrina cristã, ler e escrever bem a língua nacional e as quatro operações aritméticas,

assim como arranjos domésticos, costuras, bordados, tecido, flores, cozinha, lavagem e engomado, cultura de horta e jardins. Nos Estatutos da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo, de 1876, capítulo V, do ensino há o detalhamento das habilidades que deveriam ser ensinadas as alunas:

Art. 14- O ensino da escola consistirá nas seguintes matérias:

1º - doutrina cristã e moral

2º - leitura e escrita

3º - noções de gramática portuguesa

4º - aritmética até decimais

5º - elemento do sistema métrico

6º - exercício de leitura de livros piedosos e História Sagrada

7º - canto coral

8º - costura, bordados, trabalho de agulha e flores

9º - cozinha, lavagem e engomado de roupas

10º - confeitaria

11º - elementos com exercícios práticos de horticultura e jardinagem

12º - economia doméstica

13º - prática na enfermaria da escola.

Art. 15 – Às educandas que revelarem aptidão e inteligência superiores será dada instrução mais ampla e desenvolvida, que as habilite para o magistério ou direção de estabelecimentos de educação. (HÓSTIA, 2013, p. 105)

Hoje estas disciplinas no currículo parecem dispensáveis, sexistas e até tradicionalistas, mas no Brasil do século XIX, eram necessárias para que as meninas conseguissem uma colocação no mercado de trabalho como empregadas domésticas, como professoras ou arrumassem um bom casamento.

Ressaltamos que o Padre Siqueira preocupou-se com a faixa etária das meninas, pois descreveu que a primeira classe seria composta por meninas de 7 a 12 anos que teriam trabalho e ensino menos árduo. A segunda classe de meninas de 12 a 18 anos que receberiam todo o ensino da escola, por outro lado o trabalho interno era distribuído semanalmente tendo como objetivo o ensino.

A escola recepcionava meninas de 7 a 12 anos de idade, órfãs ou filhas de famílias pobres, cujos pais ou tutores quisessem confiar à escola, filhas de escravas que os senhores houvessem libertado. Não acolhia meninas com saúde frágil ou deficientes já que isso as privava dos serviços. Anualmente era fixado o número de meninas atendidas pela escola. Devemos apontar que o fato de não receberem crianças com deficiências ou com saúde frágil refletia o pensamento da época, as dificuldades financeiras da

instituição e o objetivo da escola que era empregar estas meninas e não tutelá-las indefinidamente.

As meninas, a partir dos 18 anos, estavam aptas para seguirem seu próprio destino, entretanto ficavam sob a proteção da escola até os 21 anos. As jovens eram entregues como alugadas (termo na época, que significa empregada doméstica) a famílias conhecidas pela posição e virtudes ou por colégios femininos que gozassem de prestígio. Os interessados deveriam procurar a escola e fazer requerimento junto ao Reitor, obrigando-se a executar as seguintes orientações: “dar uma esmola ou joia ao estabelecimento para seu sustento, pagar a menina uma mensalidade pequena que iria subindo anualmente.” (HÓSTIA, 2013, p. 55)

Caso a família não quisesse mais os serviços e a menina não tivesse completado os 21 anos ela deveria voltar para escola. Ao dispensar os serviços das jovens os patrões deviam informar sobre comportamento e aptidões, em uma caderneta, para acompanhá-la como recomendação de suas habilidades e conduta moral.

Colocar as meninas no mercado de trabalho, sejam como domésticas ou professoras, não era a única meta da escola, eles também queriam que as jovens casassem e constituíssem família deste que as meninas tivessem idade, conhecessem o pretendente e se estes poderiam fazê-las felizes. Assim, além de educá-las, a escola promovia também a educação moral das futuras gerações dos filhos destas mulheres.

Para a situação cultural, educacional e econômica no Brasil Império, a iniciativa do Padre Siqueira foi inovadora e, o fato de contar com o apoio da família real e de membros de famílias abastadas, permitiu que ele e suas seguidoras levassem adiante o trabalho de promover a inserção das meninas no mercado de trabalho, diminuindo a marginalização da mulher e permitindo que elas pudessem se sustentar ao sair do educandário.

Ao longo do século XIX a iniciativa do Padre Siqueira rendeu frutos e abriram quatro instituições: Asilo Isabel, no Rio de Janeiro em 24 de maio de 1891; Colégio D. Carolina Tamandaré, em São Paulo em 1º de Novembro de 1893; Asilo Furquim, em Vassouras, Rio de Janeiro em 28 de Junho de 1895; Asilo Porciúncula, em Vassouras, Rio de Janeiro em 20 de maio de 1896.

5. A pedagogia siqueirana no século XX e XXI

As propostas iniciais do Padre Siqueira atendiam as necessidades da sociedade do final do século XIX mas, ao longo do século XX, estas diretrizes tiveram que ser adaptadas as mudanças que ocorreram na sociedade brasileira e mundial, em especial a situação da mulher. (FERREIRA; DELGADO, 2003)

Até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) o papel da mulher na sociedade brasileira era restrito aos afazeres domésticos, poucas tinham trabalhos remunerados que iam de empregadas domésticas a professoras. A família brasileira era patriarcal e o pai conseguia suprir as necessidades familiares com seu salário. A mulher, durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1946) era instada a ser mãe e esposa. (MELLO; NOVAIS, 1998)

Na década seguinte a situação da mulher não se modifica de forma acentuada, mas na década de 1960 o Brasil passa pelo Golpe civil militar de 1964 e, ao longo dos vinte anos de governos militares (1964-1984), muitos aspectos da sociedade modificam-se, em especial o papel da mulher que se escolariza e sai de casa em busca de um emprego. A sociedade, por sua vez, saiu de um período de repressão e censura e buscou atingir sua maioria democrática. (MELLO; NOVAIS, 1998)

Além disso, o Brasil deixa de ser uma sociedade majoritariamente rural e se torna urbanizada, o que também gerou novos desafios como o aumento da violência urbana, a favelização das periferias, o alto índice de desempregados e subempregados, falta de atendimento aos direitos básicos de saúde, educação, transporte e moradia para uma parcela significativa da população. O custo de vida e educação altos, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a educação feminina contribuem também para a diminuição da taxa de natalidade infantil e a família extensa do século XIX, início do século XX, passa a ter, geralmente, apenas pai, mãe e um a dois filhos. (MELLO; NOVAIS, 1998)

A entrada da mulher no mercado de trabalho influencia a situação familiar, pois as mães passam a deixar seus filhos nas creches, a fazer dupla jornada de trabalho mais continuam a ganhar menos que os homens atuando no mesmo cargo. Como minoria social, as mulheres passaram a lutar pelo reconhecimento de seus direitos como cidadãs, pela igualdade de condições de empregabilidade e salários no mercado de trabalho e

pela diminuição da violência doméstica. A mulher, assim como a sociedade, necessitava de uma escola mais ativa, flexível, construtiva e promotora de conhecimentos que facilitasse a entrada no mercado de trabalho que, a partir da década de 1990, inclui noções de informática e outras línguas. (MELLO; NOVAIS, 1998)

O Amparo viveu estas mudanças e teve que se adaptar a elas.

No início do século XX, houve profundas mudanças na organização interna do Amparo, cumpriu-se o que o Pe. Siqueira deixou em seu testamento no Art 3º

Que este pessoal docente uma vez organizado, tome o título de Congregação de Nossa Senhora do Amparo e que para a sua boa ordem e direção, tome a Regra da Terceira Ordem de São Francisco da Penitência, regra esta aprovada pela Igreja e adotada já no Brasil por inúmeras Irmandades, constituindo-se assim uma Congregação completamente livre de modo que qualquer das congregadas possa escolher o estado que melhor lhe parecer conveniente na sociedade em qualquer época da vida. (CONTEÚDO HISTÓRICO, 2015)

Estando organizadas como congregada há 18 anos, no dia 17 de Janeiro de 1906, já tendo oficialmente elaborada uma regra, transformou-se a Associação das Congregadas em Congregação Religiosa Diocesana. Após um ano fizeram votos dez jovens, sendo que sete eram ex-alunas do Amparo. A Aprovação Pontifícia foi dada pelo Papa João Paulo II, em 24 de março de 1979.

A Congregação continuou a se expandir com novas aberturas de casa ao longo do século XX. Vamos citar algumas destas casas que se mantêm ativas até hoje:

- a) Escolas Domésticas: Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo inaugurada no dia 22 de Janeiro 1871, em Petrópolis – RJ. Escola Doméstica Cecília Monteiro de Barros inaugurada em 15 de Agosto de 1915, em Barra Mansa – RJ
- b) Colégios: Maria Raythe, no Rio de Janeiro, inaugurado em 06 de Janeiro de 1914. Nossa Senhora do Amparo, inaugurado 14 de Julho de 1929, em Surubim – PE . Nossa Senhora do Amparo inaugurado em 14 de Fevereiro de 1932, em Maceió – AL. Nossa Senhora do Amparo, em Monte Carmelo/MG, inaugurado 12 de março de 1939. Nossa Senhora do Amparo inaugurado em 17 de Abril de 1942, em Barra Mansa – RJ.

- c) Educandários: Nossa Senhora do Amparo no Bairro Jacarepaguá –RJ, inaugurado em 12 de Outubro de 1925.
- d) Creches: São José inaugurado em 18 de Março de 1962, Mateus Leme – MG. Casa do Menor Rosa da Mata inaugurada 23 de Janeiro de 1994 em Sacramento – MG.
- e) Pequenas Fraternidades: Padre Siqueira, inaugurada 12 de Fevereiro de 2005, na cidade de Jacaré –SP. Irmã Francisca Pia, inaugurada em Abril de 2007, em Canaan – CE. Nossa Senhora do Amparo, inaugurada em 15 de abril de 2006, em Faro – PA. Nossa Senhora do Amparo inaugurada em 15 de agosto de 1955, em Conquista –MG.
- f) Casa de Formação Religiosa e residência das Irmãs do governo geral da Congregação: Casa Generalícia e Noviciado Nossa Senhora do Amparo Petrópolis-RJ. Casa da Porciúncula (Irmãs idosas que necessitam de cuidados). Petrópolis- RJ. Sede do Regional Padre Siqueira em Recife-PE.

Nos seus escritos o Padre Siqueira deixou expresso o desejo que sua obra fosse assumida pelas Irmãs. Nos tempos atuais todas as fundações são administradas por elas, inclusive a Escola Doméstica, a primeira instituição, hoje é conhecida como casa Mãe da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo.

Em sua fundação e, ao longo do século XX, estes e outros estabelecimentos do Amparo mantiveram a premissa do internato e educação de meninas pobres. Alguns colégios atendiam como escolas particulares e, portanto, recebiam alunas de outros níveis sócio-econômicos. Com as mudanças ocorridas na sociedade brasileira abriram-se também os educandários para atender alunos do sexo masculino. Esta abertura não se efetivou na Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo que manteve quase sem modificações as propostas iniciais siqueiranas: atendimento apenas as meninas pobres, regime de internato, formação em atividades domésticas e educacionais.

Mas, numa sociedade mais liberal, e não mais sujeita aos ditames do tradicionalismo, manter as crianças em internato passou a ser questionado do ponto de vista psicológico, financeiro e social. No final do século XX a maioria das congregações religiosas que prestavam este serviço (internatos), deixaram de fazê-lo, optando pela educação de tempo integral, mas sem o internato. Esta ação foi resultado de avaliações sócio-psicológicas e do desejo de melhorar o atendimento, considerando-se a

importância do contato e convívio da criança com seu núcleo familiar, a necessidade de interação social, de valorizar e intervir de forma positiva no ambiente em que a criança vivia.

Além destas constatações práticas, as escolas religiosas que atendiam por meio de internatos tiveram que se adequar ao ECA (Estatuto da Criança e Adolescente – 1990) que prevê, em seu art. 19, que toda criança e adolescente “tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária” (BRASIL, 2015).

A Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo, de Petrópolis/RJ., acompanhou a mudança dos tempos. Quanto ao currículo, por lei, acompanhou as orientações do MEC de acordo com seguimentos que a escola atende. Cada casa da Congregação se enquadrou na divisão das escolas particulares (comunitária, confessional ou filantrópica) de acordo com o seu atendimento ao público. (BRASIL b, 2015). Na Casa de Petrópolis os níveis de ensino atendidos são a Educação Infantil (a partir do 4º período) e os anos iniciais do Ensino Fundamental (até o 5º ano), seguindo as disciplinas propostas no núcleo comum curricular e colocando na parte diversificada algumas das atividades de bordados, culinária, higiene pessoal e familiar, que passaram a ser em forma de diversas oficinas. O internato foi extinto e passou-se a atender algumas crianças no tempo integral e outras apenas na forma regular de aulas.

De acordo com dados atuais, a Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo, de Petrópolis-RJ, atende 188 crianças a partir do 4º período (Educação Infantil) ao 5º Ano do Ensino Fundamental. As matrículas são realizadas por seleção das mais necessitadas, pois ainda é missão da Congregação atender as crianças em situação precária seja econômica, social ou familiar.

Para melhor atender as alunas há uma parceria com a Mitra Diocesana (que coordena as escolas católicas de Petrópolis) e a Prefeitura que nomeia e indica professores, cozinheiras (2) e serventes para limpeza (2), fornecendo a alimentação integral das crianças.

As meninas têm oficinas de bordados, pintura, artesanato e culinária, em sistema de rodízio. Além disso: Encontros de Formação, Estudo Dirigido, Jogos e Brincadeiras, Cinema na Escola, Brinquedoteca, atendimento odontológico e sala de leitura.

Participam de vários projetos internos e da Prefeitura: Meio Ambiente, Festa Junina, Semana da Criança, Olimpíadas, Produção Escrita - Contos e Poesias, PROERD- Prevenção contra o uso de drogas. Todas as crianças almoçam na escola, mas logo após as alunas do 4º e 5º Ano do Ensino Fundamental retornam para suas casas, permanecem na escola as meninas do 4º período ao 3º Ano do Ensino Fundamental pois são atendidas no sistema de educação integral e, após o horário também retornam para suas famílias.

As crianças não realizam trabalhos domésticos na escola e não são mais indicadas para trabalhar como domésticas já que nenhuma atividade laborativa deve ser exercida por menores de idade o que atende ao preceito do ECA, no artigo 60 que aponta que “é proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.” (BRASIL, 2015). O foco atual é uma formação mais ampla seja em termos de conhecimentos e aquisição de habilidades diversas que possibilitem a instituição e a família atender ao artigo 4 do ECA que afirma ser

dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2015)

As mudanças promovidas na Casa de Petrópolis não foram instantâneas, mas fruto da reflexão sobre a missão pedagógica da Congregação e das necessidades impostas pelas mudanças que ocorreram na sociedade. E não foram feitas sem muito debate sobre como adaptar as propostas do Padre Siqueira a atualidade sem perder o foco na missão de atender as crianças das categorias sociais mais pobres, sem oportunidade e desprotegidas.

5.1 A missão em Angola: caminhos do Amparo fora do Brasil

Em 2005 a Congregação enviou a Irmã Maria das Dores Rodrigues de Moura para Angola, por intermédio da Congregação das Irmãs Franciscanas de São José, sendo designada em diversas residências como: Calomboloca Bengo, Kangandala-Malange, Cuango-Lunda Norte. Em 2007, Irmã Sônia e Irmã Vininha, em 2009. Após a

experiência intercongregacional, as Irmãs foram enviadas para formar uma nova fraternidade em Mussende/Viana - Província de Luanda, uma região formada por desertores da guerra civil. Na fraternidade vivem três irmãs que, desde 28 de novembro de 2009, atuam na educação das crianças e adultos, Pastoral da Criança, catequese e evangelização.

A Casa de Viana tem sede própria, foi inaugurada em outubro de 2009 e em 2010 as aulas iniciaram com 583 alunos de 1ª a 6ª classe, em março do mesmo ano foram matriculadas três turmas de alfabetização de adultos. O complexo escolar compreende uma escola com seis salas de aula, três oficinas, biblioteca, quadra esportiva, refeitório, banheiro feminino e masculino (na cultura regional é casa de banho), cantina, horta escolar, fontanário, lavanderia comunitária e residência para as irmãs. A lavanderia comunitária e a água encanada são fatores de agregação da população que não possuía estes confortos e que utilizam as instalações melhorando seu nível de saúde e higiene.

Em 2014 a escola atende a 598 alunos nos dois turnos distribuídos em 16 turmas, 20 professores, uma funcionária do governo e duas contratadas pela escola para a limpeza, como também dois seguranças dia e noite. A escola carece de secretária e de vice-diretora que auxiliem no desenvolvimento administrativo e pedagógico da instituição. No turno da noite atendem 200 alunos em quatro turmas de PAAE (Processo de Aceleração e Alfabetização Escolar, com jovens e adultos). Já a pré-escola funciona com 4 turmas de 22 crianças com idade de 6 anos, com a orientação de uma irmã, um coordenador, quatro professores regentes e atende das 8h às 12h. Um dos problemas pedagógicos enfrentados pelas irmãs é a cultura dos castigos físicos que ainda impera em Angola – elas fazem trabalho com os professores leigos para que eles entendam que esta postura não é permitida dentro da escola e que eles devem dialogar com o aluno e não agredi-lo física ou psicologicamente; com este trabalho, pouco a pouco estão modificando a cultura repressiva local.

Desde o início da missão, uma empresa brasileira que trabalha há 29 anos em Angola com serviço de engenharia, infraestrutura de transporte, ajuda com: material pedagógico, reforma do prédio escolar, etc. A energia do bairro é insegura, por isso a escola mantém um gerador. Tem internet e sinal de celular, mas ambos insertos. O governo oferece o prédio escolar e os professores, mas não existe merenda escolar.

Somente o prédio da pré-escola é da Congregação, mas a administração de ambos é das irmãs.

Além da fraternidade em Viana, a Congregação ainda atua em uma missão em Cavungo, território do município do Alto Zambere que faz parte da província do Moxico. Cavungo tem o índice populacional de 13.334 pessoas e as principais atividades econômicas são: agricultura, pesca e apicultura. A comunidade vive uma realidade de pobreza, carência de remédios, saúde e educação. Não tem sinal de telefone, internet, TV, energia por gerador e água de poço artesiano. Nesta missão as irmãs trabalham com: alfabetização de catequistas e lideranças, pastoral da criança, atendimento aos doentes na varanda da casa, (uma média de 30 pessoas por semana), acompanhamento às comunidades.

As missões em Angola são um desdobramento da pedagogia siqueirana no Brasil, pois lá as irmãs atuam junto a comunidades carentes de educação e informação e procuram atender as necessidades materiais e religiosas de pessoas que vivem em níveis alarmantes de pobreza, desnutrição, sem acesso a saúde básica e com taxas de mortalidade infantil muito alta.

6. Considerações finais

Considero alcançados os objetivos referentes ao tema desta pesquisa; é visível que as mudanças pedagógicas que a Congregação realizou ao longo dos anos tiveram o aspecto positivo de manter a pedagogia siqueirana viva por três séculos. Padre Siqueira e sua proposta pedagógica se mostram mais que um sonho ou que a preocupação datada de um homem com o seu tempo. Ele teve objetivos claros no que diz respeito à educação no contexto social de seu tempo e conseguiu direcionar sua visão para manter-se atuante e adaptar-se ao longo das modificações sofridas pela sociedade e educação brasileiras ao longo dos séculos.

Na atualidade, abordamos a atuação da Congregação na educação, no Brasil e em Angola para mostrarmos que, ao se adaptar as novas realidades a pedagogia siqueirana tem possibilidades de se manter e de crescer em outros espaços que não apenas o Brasil. A missão é acreditar que pela educação podemos nos tornar mais

humanos e transformar a sociedade por meio de um trabalho árduo, e comprovar que, como afirma Padre Siqueira, “A educação é tudo! É mais que tudo! É a vida do gênero humano, é o caminho da luz, da paz, da verdadeira nobreza e da felicidade”. (MISSÃO, 2015)

Com esta pesquisa aprendemos que um pedagogo tem que sonhar, ter esperanças, mas com pés firmes na realidade, ser determinado e acreditar que para mudar situações é necessário ideal, com ação e força de vontade, pois, um verdadeiro educador não desiste, ele persiste nas conquistas e dificuldades, caminhando junto com a sociedade, percebendo e atuando junto as suas necessidades, angústias e desejos.

Ao concluir este trabalho novos horizontes podem ser desenvolvidos no futuro como: aprofundar o projeto siqueirano no contexto das escolas particulares, buscando perceber como a pedagogia siqueirana atua em um contexto de classe média e alta ou realizar uma pesquisa de campo mais aprofundada na Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo, de Petrópolis, levantando o depoimento das irmãs que viveram o processo de transição do internato para o tempo integral.

7. Referências

BRASIL. Lei N. 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l8069.htm> Acesso em 20 abr. 2015.

BRASIL b. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em 25 mar. 2015.

CONTEUDO HISTÓRICO. Disponível em:

<http://www.franciscanasdoamparo.org.br/conteudo_historicocongre.htm> Acesso em: 20 fev. 2015.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. **Mulheres comuns, senhoras respeitáveis**. A presença feminina na Guerra do Paraguai. Campo Grande: Editora Universidade Federal do Mato Grosso, 2005. Disponível em:

<<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000145.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2015.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil republicano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Vol. 1 a 4.

HÓSTIA, Áurea de Jesus. **O Padre Siqueira**: sua vida e sua obra. Petrópolis: Congregação das Irmãs Franciscanas do Amparo, 2013.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. NOVAIS, Fernando A. (coord.) **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, v. 04, p. 559-658.

MISSÃO. Disponível em:

<<http://www.franciscanasdoamparo.org.br/menuprincipal/missao.html>> Acesso em: 20 mai. 2015.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Vestígios da educação feminina no século XVIII em Portugal**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.